

O estrangeiro hispânico em discurso: lugar de contradições

Josiane da S. Q. Alves¹, Valesca Brasil Irala²

¹ Iniciação Científica Voluntária – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

² Professora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA-Bagé) - orientadora

josianequintana@hotmail.com, valesca.irala@unipampa.edu.br

Resumo. *O estrangeiro ao chegar a um novo país, muitas vezes sente necessidade de perder suas características culturais. A principal, para não sentir-se excluído, é a identidade lingüística, porém esse processo não se dará facilmente. Por mais que não queira demonstrá-la, através de marcas características de sua língua materna, inconscientemente, elas se manifestarão. Neste artigo apresentamos como o estrangeiro se vê ou não incluído (por características lingüísticas) no novo ambiente que está inserido e sua aceitação quanto a isso.*

Resumen. *El extranjero de llegar a un nuevo país, a menudo siente la necesidad de perder sus características culturales. La principal, para no sentirse excluido, es la identidad lingüística, pero no será posible hacerlo fácilmente. Por mucho que no quiera demostrarla, por medio de los rasgos característicos de su lengua materna, inconscientemente, los expresará. En este artículo presentamos como el extranjero puede verse o no involucrado (para las características lingüísticas) en el nuevo entorno que se inserta y su aceptación respecto al tema.*

Palavras-chave: estrangeiro; identidade; cultura.

Palabras clave: extranjero; identidad; cultura.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de análise de entrevistas gravadas em áudio, como três estrangeiros sentem-se e percebem-se como falantes de língua espanhola, em um país de língua portuguesa e se o fato de se encontrarem uma cidade próxima a fronteira, como Bagé-RS, faz com que o preconceito, a recepção e a aceitação lingüística deles sejam diferenciadas em relação a outras localidades. Tem como objetivo, também, analisar a necessidade de o estrangeiro querer perder (ou não) o vínculo com suas origens lingüísticas.

2. Pressupostos teóricos

Por estarmos inseridos em um mundo globalizado, percebemos como é grande a diversidade cultural que se encontra em nossa volta: sexo, cor, religião, gêneros musicais, entre outros.

Através do discurso estamos construindo nossa identidade e construindo a do outro. Usamos nossa linguagem com base em nossa história sócio-cultural. Com isso, estamos em constante reconstrução identitária.

Não possuímos apenas um traço identitário, são vários, podendo ser os mesmos contraditórios. No decorrer de nossas vidas, nossos traços variam e isso está relacionado com as mudanças que ocorrem conosco e refletem-se em nossos discursos.

A língua nada mais é do que um dos diversos marcadores visíveis do grupo que estamos inseridos e de nossa etnia.

Todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores. Dessa forma “quando qualquer ser humano age e interage em um dado contexto, outros reconhecem aquela pessoa como agindo e interagindo com um ‘certo tipo de pessoa’ ou mesmo como diversos ‘tipos’ diferentes ao mesmo tempo (MOITA LOPES 2003, p.19).

Ao chegar a um novo país, alguns imigrantes sentem necessidade de fazer luto desta sua marca registrada. Comparar esta experiência com o luto é uma analogia. Vejamos o que nos diz Coracini (2007, p.86): “O luto além de indicar o momento posterior a morte de alguém, que enterrado deve aí permanecer e não mais voltar, indica também um período de tristeza em que o apego ao morto querido traz sofrimento, saudades, falta...”.

Dependendo da relação do imigrante com suas origens, isso pode ser uma atitude simples ou complexa. Dos estrangeiros esperam-se duas atitudes quanto ao luto: desfazer-se do morto¹ (“Como podemos ser não sendo? Como falar sem enunciar explicitamente quem somos?”), como questiona Scherer, 2007, p. 347) ou fazer com que o morto permaneça vivo. Com o discurso realizado pelos imigrantes, são apresentados alguns deslizos (involuntários), com os quais podemos sustentar a sua relação com suas origens.

A aculturação é a denominação dada àquelas pessoas ou grupos, que, por entrarem em um “novo mundo”, sofrem mudanças ao se verem lançadas a uma nova cultura e devem refazer suas vidas a partir desta nova realidade. Quanto maior a classe social de um imigrante, sustenta-se que será maior seu investimento em conhecimentos sócio-culturais do país alvo.

O biculturalismo é aquele momento em que o indivíduo está entre a aquisição da nova cultura e ainda há resquícios da cultura do imigrante.

Aparece necessariamente o conflito de valores entre uma cultura e a outra, sendo desejada a perda de valores étnicos, aquisição de novos valores da comunidade de acolhida e fortalecimento de valores que sejam comuns. (SARRIERA 2004, p.199)

¹ O morto deve ser visto, neste artigo, como a língua materna e características pertinentes ao país de origem do estrangeiro.

Berry apud Sarriera (2004) apresenta quatro possíveis orientações culturais: integrativa (são mantidos os valores étnicos originais e é apresentada boa relação com os acolhedores), separação (os valores étnicos originais são mantidos, mas não são apresentadas boas relações com os acolhedores), assimilação (a identidade étnica é menosprezada e há uma boa relação com o grupo majoritário) e marginalização (nem identidade étnica, nem boas relações com os acolhedores são mantidas). Já em 1990, Berry afirma que o biculturalismo é o melhor que pode acontecer com o imigrante, pois assim ele saberá em quais contextos utilizar seu novo conhecimento cultural ou sua cultura de origem.

Irala (2008) apresenta quatro tipos de estrangeiros: brasileirizado (o estrangeiro se considera pertencente ao país de sua acolhida), conciliador (aquele que tem a intenção de apagar a hibridização a qual foi sujeito), trabalhista (vê o país de acolhida como aquele que lhe ofereceu oportunidades empregatícias e isso justifica seu deslocamento) e o ressentido (o qual sente falta de seu país de origem, encontra-se no novo país por força alheia a sua vontade).

Araújo apud Sarriera (2004) aponta três fases presentes na aculturação: a ‘lua de mel’ (chegando ao novo país, o imigrante está admirando a nova cultura), a ‘ira e raiva’ (quando percebe as dificuldades e barreiras discriminativas), e ‘negociação e aceitação’ (quando o estrangeiro procura encontrar um equilíbrio).

Aproximando as definições de Irala e Berry com as de Coracini, percebemos que elas andam juntas. Estrangeiros que sentem a necessidade de livrarem-se do morto são aqueles que querem sentir-se como membros daquela sociedade, cultura (estrangeiro integrativo, assimilado, brasileirizado, conciliador e o trabalhista). Já os que não querem perder as características de seu idioma, cultura, país, são aqueles que se encontram em constante luto (separador, marginalizado e ressentido).

Isso se explica da seguinte maneira: ao iniciarmos o aprendizado de uma nova língua, tentamos perceber o que a nossa língua materna (LM) e a língua estrangeira (LE) têm em comum e tentamos fazer um laço entre elas para facilitar a nova aquisição. Isto exige a participação do falante, que pode até parecer fácil a um primeiro momento, mas para isso é necessário a afirmação do eu, trabalho do corpo, dimensão cognitiva e ao lidarmos com o desconhecido (nova língua), todas estas estruturas que pareciam tão sólidas voltam então a fragilizarem-se ao se depararem com este desafio.

Através da LM é que designamos as coisas do mundo, este ato jamais se separará dos indivíduos. Porém, a relação entre sujeito e língua é questionada a partir da LE. Na aprendizagem da LE, as nomeações mudam, mostrando que não há apenas um ponto de vista sobre as coisas (significações). É necessária a adequação à “nova realidade”.

Ao aprendermos uma língua, tornamo-nos um pouco estrangeiro, seja em que contexto for. Temos que ter autonomia em nossas construções. Quanto mais nos aprofundarmos em um novo idioma, mais estrangeiro ficamos, sentimo-nos pertencentes àquela cultura. Isso pode ser bom ou ruim. Para o estrangeiro que quer sentir-se membro daquele grupo, isso é bom. Já para quem não quer se sentir, isso é péssimo, é como se estivesse traindo sua cultura, origens e por isso fica retraído, não faz muitas amizades e fala pouco (como já foi mencionado, a fala é um dos nossos principais marcadores etnográfico-culturais), por medo de ser visto como o “estranho”.

Esse medo de ser descoberto pela fala, nada mais é do que resposta ao preconceito lingüístico que estamos mergulhados. Medo de ser zombado, corrigido, alvo de piadas. Ninguém gosta disso, porém é muito corriqueiro acontecer. Principalmente com estrangeiros, pois agindo assim (talvez por ignorância), estamos fazendo com que ele omita seus laços lingüístico-culturais iniciais. Esquecemos também que não existe uma língua pura, correta, modelo. Nós mesmos, falantes de português brasileiro, somos preconceituosos com outros brasileiros devido ao seu sotaque, pronúncia que não segue a norma “padrão”, etc. quanto a isso Scherer afirma:

Aquele que se desloca desafia o próprio da alteridade que no seu movimento de uma língua para outra língua, de um território para o outro, no espaço e no tempo de linguagem acumulam suas identificações de percurso, em percurso, em sua subjetividade analítica. Nesse sentido, esse sujeito redefine a própria noção de língua (SCHERER, 2007, p. 348-349).

A LE está presente em nosso cotidiano e não há como querer livrarmo-nos dela. Muitas vezes não encontramos na LM a palavra certa para nos expressarmos e, em alguns casos, recorremos a LE para nos expressar. Neste caso, a LE representa a língua ideal (mesmo que vista como ideal apenas de busca). Moraes enfatiza essa realidade da busca pela palavra certa, utilizando a LE como suporte:

Se o sujeito, no mal-estar em que a Língua Materna o coloca, vai para a Língua Estrangeira com a (ilusão da) certeza de lá poder dizer tudo, e como diz Prasse, com ‘um desejo de ter escolha, de poder escolher lei... desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual se exprimir, de impor-se uma ordem por um ato voluntário’ é necessário que se tome primeiramente essa ‘ilusão’ no sentido que Freud dá a ela.(MORAES, p. 53)

Não existe língua pura. Todos estamos imersos em diferentes línguas, sabendo falá-las ou não. Nossa língua materna é o nosso referencial. Ela é nosso conforto, onde nos sentimos bem, onde nos embasamos para as demais. Já a língua estrangeira é a que utilizamos para nos comunicar com o outro, para não nos sentirmos excluídos, mas sim parte de um grupo mais amplo.

3. Metodologia

Utilizei a análise das três entrevistas gravadas em áudio que foram realizadas entre os dias 11 e 18 de janeiro de 2008. Foi deixado claro que as respostas deveriam ser em português. As perguntas foram as mesmas para os entrevistados: Qual nome, quanto tempo está no Brasil e o motivo da vinda? Quais foram suas maiores dificuldades logo que chegou ao Brasil? O idioma lhe parece muito complexo? Qual a maior diferença entre a cultura brasileira e a de seu país? O que deveria mudar em relação à recepção brasileira para com seus imigrantes? O Brasil possui uma boa estrutura para receber estrangeiros, por quê? Há uma discriminação com os estrangeiros e em quais momentos você mais percebe isso? Sente necessidade de aprofundar seu conhecimento na Língua Portuguesa? A visão que você tem hoje do Brasil é a mesma que você tinha quando ainda estava em seu país? Um

brasileiro ao chegar a seu país terá as mesmas dificuldades que você encontra aqui, por quê? Você passou por alguma situação embaraçosa ou cômica devido à diferença de idioma? Relate.

Os nomes dos entrevistados foram substituídos para preservar suas identidades.

A partir das entrevistas gravadas, analisou-se o discurso apresentado pelos entrevistados. Foram feitas comparações de pronúncias, desejo de ser reconhecido como estrangeiros e do luto lingüístico e cultural, principalmente com base nos pressupostos de Irala, Berry e Coracini.

4. Resultados

Querendo ou não, falantes de uma mesma língua ou de língua estrangeira estarão sempre condicionados a revelar através de seu discurso suas origens, seus desejos e anseios. Mesmo que queiram disfarçar, afirmando que “falam direito” o idioma (ou a LE), pequenas marcas sempre os denunciarão, como por exemplo, “lá e aqui” e “nós e eles”, excluindo-se assim do grupo que está inserido.

Somos todos estrangeiros. Mesmo quando apenas nos deslocamos dentro de nosso país, passamos as mesmas dificuldades que os “ditos” estrangeiros encontram. Sentimos as mesmas necessidades que eles sentem.

Vejam agora algumas partes relevantes das entrevistas:

Paula² : Antes eu falava muito misturado português e espanhol. Quando eu vim pra cá mesmo, eu só falava espanhol e aos poucos fui aprendendo português e fui misturando um com o outro.

Podemos analisar na fala da Paula que parece que está sentindo-se brasileira, pois diz que já não mistura o espanhol com o português. Porém ao dizer: “quando eu vim pra cá” ela, inconscientemente, já se exclui dessa situação (ser vista como brasileira), pois separa o “lá” e o “aqui”, uma forma encontrada por ela para tentar não perder o vínculo com suas origens, apesar de querer expor sua origem e ao mesmo tempo afirmar que consegue conciliar essa sua dupla nacionalidade, evitando assim alguns constrangimentos causados por ser de origem estrangeira. Mostra-se uma estrangeira integrativa, pois quer manter seus valores étnicos e possui uma boa relação com os indivíduos originários do país em que ela se encontra. Mas não podemos esquecer que apesar de saber separar os idiomas, não quer dizer que somos de outra cultura e esquecemos a nossa cultura materna, pois este vínculo jamais poderá ser quebrado por vontade nossa, é algo registrado em nós para sempre.

Vejam mais um trecho da entrevista de Paula, no qual fica explícito sua indignação por ser tratada como brasileira por seus compatriotas:

Paula: é... Quando eu chego lá, quando vou visitar a mãe, minha irmã, lá no Uruguai, chego lá e começam: “ah (daí me chamam) lá vem a brasileira!” porque o meu sotaque,

² Paula é uruguaia.

quando eu falo espanhol lá, tenho sotaque português. Eu não me sinto mais uruguaia ???³ como eles.

Neste trecho percebemos, explicitamente, a condição de estrangeiro ressentido de Paula. Mesmo ela afirmando no trecho anterior que consegue separar uma cultura e outra, demonstra sua frustração ao chegar à sua pátria e ouvir dos uruguaios que ela já não pode ser mais considerada uma compatriota deles, pelo simples fato de ter adquirido o sotaque português. Seu luto é visível. Como foi analisado anteriormente, Paula não quer sentir-se uma traidora de seu país, orgulha-se de ser uruguaia. Nesta parte da entrevista, ela extravasa esse orgulho, talvez muitas vezes omitido por vergonha de ser uma referência entre outras pessoas, ser vista como a diferente entre tantos indivíduos. Medo de ser vítima de preconceito lingüístico. Esse medo também pode ser percebido durante a entrevista, pela entonação da voz da entrevistada (baixo) e apresenta-se muito receosa.

Partiremos, agora, para a análise de alguns trechos relevantes da entrevista realizada com a segunda imigrante:

Luísa⁴: Ah, o Brasil...eu gosto daqui. As pessoas são... são legais, assim, são... acolhedoras. Diferente do Uruguai, não são tanto, ahn... tipo... eles acolhem super bem gente de fora assim, e quando chega... “ai que legal! De onde que tu é?”, querendo saber. Já no Uruguai tu chega e “ai, eu sou brasileira” já te.. “é brasileira...ó...não chega perto”.

Luísa quer sentir-se brasileira. Elogia muito nosso país. Elogia tanto que involuntariamente menospreza seu país de origem e quando percebe isso, tenta remendar dizendo “não são tanto”. Faz isso, pois se lembra que mesmo querendo ser brasileira, sua origem é uruguaia e provavelmente percebe que inferiorizou sua pátria. O luto já não está presente em sua nova vida. Também é percebido que distingue aqui (Brasil) e lá (Uruguai). Podemos dizer, sem dúvidas, que Luisa pode ser considerada uma estrangeira brasileira e que sua orientação cultural é de assimilação, pois enfatiza vantagens de ser da nação acolhedora e menospreza a cultura de sua pátria. Por outro lado, involuntariamente gosta do fato de ser vista como estrangeira, pois quando menciona a curiosidade das pessoas querendo saber sua nacionalidade, mostra-se eufórica em querer responder a quem lhe perguntou. Outro item importante a mencionar nesta análise, é quando ela diz “...eles acolhem super bem gente de fora...”: neste caso o “eles” são os brasileiros acolhedores, no qual ela inconscientemente não se inclui, pois assume sua nacionalidade uruguaia, fato contraditório às atitudes percebidas e citadas anteriormente neste trecho.

Luisa: Quando eu cheguei aqui, todo mundo dizia: ‘ai como tu sabe falar português direitinho!’ porque a maioria dos uruguaios, dos argentinos, chegam aqui arrastando a língua pra todo mundo ver que eles são de fora, né! Digo: não. Eu quis fazer o contrário. (...)Porque quando eu morava lá chegava os brasileiros tentando falar espanhol e não dava certo, ficava a coisa mais ridícula do mundo!

³ As interrogações apresentadas nas transcrições das entrevistas representam palavras que não puderam ser compreendidas no momento da transcrição.

⁴ Luisa, assim como Paula, é uruguaia.

Nesta parte, podemos perceber o preconceito lingüístico da entrevistada e como ela categoriza isso é algo constrangedor. Por não querer ouvir o que ela mesma pensava dos brasileiros ao chegarem ao seu país de origem, ela se conscientizou que deveria saber o português ‘direitinho’ para não ser corrigida e sofrer constrangimentos. O fato de ela não querer ser vista como ‘de fora’ também enfatiza sua orientação cultural de assimiladora e estrangeira brasileirizada. Percebe-se, também, que continua usando a separação lá (Uruguai) e aqui (Brasil), provando seu vínculo afetivo com sua pátria. Mas o que seria uma língua utilizada ‘direitinha’ se nem mesmo os falantes nativos sabem utilizá-las da forma dita “correta”? Isso é apenas mais uma prova de preconceito lingüístico presente no discurso de Luisa.

Analisaremos agora, um trecho do terceiro entrevistado:

Antônio⁵: É importante, tu sabe por quê? Por que... já que nós estamos aqui... Para concurso, para trabalho, tu tem que saber. Enton...se tu não sabe, ela dificulta.

Antônio deixa claro sua posição de conciliador nesta análise. Sabe que sua LM e a LE do país inserido são importantes, concilia sua presença aqui com a necessidade do trabalho. Para ele, o fato de ser estrangeiro não é um problema. Sabe que também não há necessidade de omitir isso. O único diferencial é a língua, que para ele, é a única coisa que lhe diferencia dos demais indivíduos do país e que facilita seu cotidiano. É um exemplo de orientação cultural integrativa. Antônio se encontra na terceira fase de aculturação que Araújo apud Sarriera (2004) nos apresenta: negociação e aceitação, pois o entrevistado, busca um equilíbrio entre as duas culturas, não mostrando a superioridade de uma sobre a outra.

5. Conclusão

É instigante perceber como o estrangeiro se sente em relação à sua presença em um novo país. Como isto pode ser constrangedor ou gratificante para ele, assim como acontece com indivíduos de um mesmo país em situação de migração. Com esta pesquisa, que se encontra ainda em andamento, percebi como há classificações que podemos atribuir as mais diversas situações nas quais os imigrantes (neste caso hispânicos) podem ser adequados.

Também, a divulgação de pesquisas dessa natureza podem ajudar na quebra de alguns preconceitos lingüísticos que estão disseminados na sociedade, essencialmente dominada por um discurso monolíngüe, que tem dificuldade de aceitar o diferente, o híbrido, o heterogêneo. Perceber que nossa identidade cultural é algo que permanecerá conosco para sempre também é resultado das constatações desta pesquisa.

6. Referências bibliográficas

⁵ Antônio é originário da Nicarágua

CORACINI, Maria José R.F. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In: KLEIMAN, Ângela & CAVALCANTI, Marilda (orgs.). *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

IRALA, Valesca Brasil. Desde el Uruguay hacia Brasil – daqui, dali, de lá. *Anais eletrônicos do XV Congreso Internacional de Lingüística y Filología de América Latina*, Montevideo, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MORAES, Maria Rita Salzano. Materna/Estrangeira: o que Freud fez da língua. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. v. 38, jul./dez., p. 47-58. 2001.

SARRIERA, Jorge Castellá. Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. In: _____ (org.). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SCHERER, Amanda Eloina. A constituição do eu e do outro na interpelação da língua pela língua na história do sujeito. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda (orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.